



O capitão de um dirigivel allemão transmittindo aos artilheiros de um aeroplano a ordem de lançar bombas sobre uma povoação

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
 DIRECTOR
Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.
 EDITOR
Antonio José de Carvalho.
 ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
 informação graphica

Redacção, administração e typographia
 83, R. dos Martyres da Republica, 91
 BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA (PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2\$400
» » (6 mezes) . .	1\$200
» » (3 mezes) . .	600
A cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador acresce o importe das despesas.	
Estrangeiro (1 anno)	3\$000
» (6 mezes)	1\$500
Numero avulso	60

Bordados Schweizer

directamente da Suíça,
franco de porte a domicilio!

Peçam hoje mesmo a nossa colleção contendo 80 figurinos novos com amostras bordadas, representando de modo muito exacto a execução maravilhosa dos nossos bordados afamados, assim como os nossos catalogos de bordados para roupa branca e pequenos artigos com verdadeiro bordado suíço.

Esta colleção é enviada franca contra a remessa d'um sello de 5 centavos.

A escolha comprehende blusas e vestidos para senhoras, meninas e meninos em cambraia, Voile, Crêpe, Transparente, Toile, etc. e sobre sedas novidades desde frs. 3.25. Os nossos bordados, como não são cortados, podem ser confeccionados facilmente sobre todos os padrões.

Ao mesmo tempo offerecemos a nossa colleção das ultimas novidades em estofos de seda para vestidos e blusas: Crêpe, Duchesse, Tafetás, Foulards, etc., cambraia suíça 120 cm de largura desde frs. 1.35 o metro. Grandissima escolha sobretudo em preto, meio luto, assim como em branco e côr. Esta colleção é igualmente enviada franca contra a remessa d'um sello postal de 5 centavos.

Saia bordada em cambraia
N.º 1055
A saia inteira contém:
Disponível nas seguintes cores:
Preço da saia inteira
Pras 13.80
Franco de porte
Schweizer & Co.
Lucerna, Suíça

Schweizer & Co. Lucerne, 82 (Suíça).

Rol da desobriga

Na administração dos *ECHOS DO MINHO* -- BRAGA, está á venda papel para o rol da desobriga.

Collegio Lyceu Português FIGUEIRA DA FOZ

DIRECTOR, *José Luiz Mendes Pinheiro*

Situação esplendida. — Magnificas installações construidas expressamente para o fim a que se destinam.
Cursos completos de instrucção primaria e secundaria.
Professores estrangeiros para a ensino das linguas.
Educação moderna completa sob todos os pontos de vista.

Enviem-se promptamente programmas e quaesquer esclarecimentos a quem os pedir ao director.



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 29 de maio de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 100—Anno II



Nossa Senhora da Expectação

(Esculptura de Marçal A. da Silva, artista bracarense)

Chronica da Semana



UM CASO TYPICO

VAE a Italia entrar na guerra. Eis o que consta. E parece que não ha em Portugal, n'este Portugal que pula de contente mal lhe descrevem as batalhas da Flandres aonde irá fazer figura, voz discrepante sobre as vantagens que adveem para o reino de Victor Manuel III do seu *bello gesto*.

Não quero agora discutir quaes ellas são. Muitas ou poucas ou nenhuma, deixo o problema aos curiosos que o chronista não pavoneia fóros de chancellor...

Mas ha, leitor, um aspecto da intervenção italiana que eu quero mostrar-te, como um fructo d'esta civilisação archi-doida que gosamos e que desde a crosta reluzente á funda essencia, anda, por mais que contradigam, arredada dos principios christãos que professamos. Este proposito meu nasceu d'uma leitura que fiz d'um importante diario romano em que litteralmente se dizia em parangona que "as concessões da Austria chegaram demasiado tarde" — ora vê lá...

Tenho notado com espanto e oppressão que, quer latinos quer germanos, todos mal dizem e desejam a guerra, ao mesmo tempo. D'uma e d'outra banda mutuamente se dizem innocentes de culpas no conflicto, e ao cabo de uma rapida analyse aos livros de varias côres publicados pelos gabinetes, conclue-se que nenhum dos belligerantes evitou o desencadear da tempestade, antes pelo contrario não só concorreram todos para elle e, uma vez em lucta, procuram altrahir ao *mæls-trom* do sangue e da carniça outros povos que além do dever moral de propugnar a paz, mais lucrariam em ficar em suas casas, bem guardados, é certo, mas sem entoarem a coral do odio redemptor, como mangas de cafres em delirio.

O caso da intervenção italiana é symptomatico. Elle vem comprovar claramente quanto horror não escondem as mesuras diplomaticas, cheias dos sorrisos maus da hypocrisia. As negociações italianas sahiram do ferreno diplomatico para o balcão da traficancia. A nação italiana, as armas italianas vão ou não para a guerra a favor dos alliados ou dos imperios centraes, consoante o que elles lhe offerecerem. Não ha ponto de honra, ha sómente o *quem mais dá*. Não é uma cruzada, é um negocio. Não é um sacrificio pela

gloria, pelo *que os opprimidos*, é um espectáculo deprimente em que o sangue dos soldados é pago. Na França, que se bate, ha pelo menos um instincto de *desforra*. Na Allemanha que peleja, heroica e cheia de fé, ha pelo menos o instincto legitimo de matar para não morrer. Na propria Inglaterra ha uma ideia quasi igual a esta, embora lhe caiba o mais ignobil papel nos personagens da tragedia. Mas na Italia, não. Emquanto no occidente e no oriente os exercitos se engalfinham com coragem, a Italia vacilla, promette, joga, regateia. Vae ensanguentar-se por quem mais lhe offerecer... Deprimente espectáculo!

E vêde a imprensa açulando os filhos do Dante que descreveu os circulos do inferno, vêde a imprensa que accusa a Allemanha de ter feito estalar a grande guerra, bradando ao Quirinal que avance para o conflicto, que exigia da Austria o que ella não pode ceder, para que a sua entrada no horror seja inevitavel! Vêde como na hora suprema, perante novas e mais conciliatorias propostas de Vienna, o orgão do Quirinal grita com fingido ar de tristeza que não dissipa aos olhos do mundo o raivoso impulso de matar... para satisfazer a Inglaterra: — as propostas austriacas chegaram tarde demais!

...Pois agora pergunto eu, caro leitor: — que temos nós que nos admirar, se a Italia entrar na guerra? Podemos deplora-la, sem duvida. Mas assombrar-nos? De quê? Se amanhã as granadas destruirem as cidades e as cathedraes tão lindas, se a S. Marcos de Veneza acontecer o mesmo que á cathedral de Reims, que auctoridade poderão ter os protestos d'essas gazetas que em nome do Amor, da Paz, da Justiça e da Verdade, atearam o incendio? Nenhuma. Os protestos de Roma serão como os ais do crocodilo. Se a fome uivar pelos campos loiros sem braços para o cultivo, a quem pertencem as responsabilidades senão á propria Italia, aos contemporaneos de D'Annunzio?

A guerra é a guerra. A phrase do marechal francez em Fontenay, não pode repelir-se no rosso tempo. A guerra é a guerra. O mal, o grande mal é aceita-la como um principio. Consequentemente ha que aceitar o lucto e o terror. Aceitada a guerra, tudo o mais se justifica: o canhoneio, o incendio, as balas, o afundamento de navios, cadáveres de mulheres e de creanças, a ruina dos povoados.

O terrivel, o immoral é a propria guerra. A Italia accitou-a como um principio — a guerra a todo o transe.

E agora, leitor amigo, lembra-te bem de que a propaganda da guerra, como um *negocio*, tem na Italia por symbolo o nome de Garibaldi—o *condottiere* que assaltou a Porta Pia... o inimigo figadal do *maior poder moral que jámais existiu sobre o mundo*, como disse o *Temps*, do Papa, que combate e reza pela Paz!

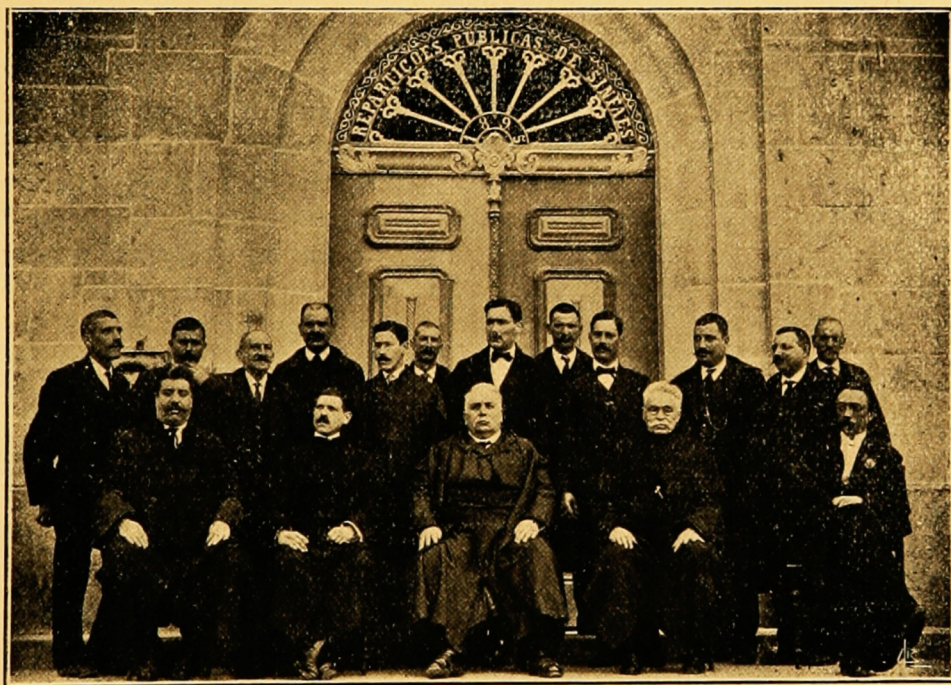
Não é eloquente este contraste?

F. V.

VIDA INTENSA

NA lomba fragueira d'uma erguida ser-
ra minhota vive, ha muitos secu-
los, contados pelo florir das maciei-
ras, a tradição pagã, de que em maio uma alma de moura encan-
tada abre em cada flôr e aquelles que soffrem poderão entender a
linguagem mysteriosa dos horisontes, na limpidez immensa dos cres-
pusculos primaverais.

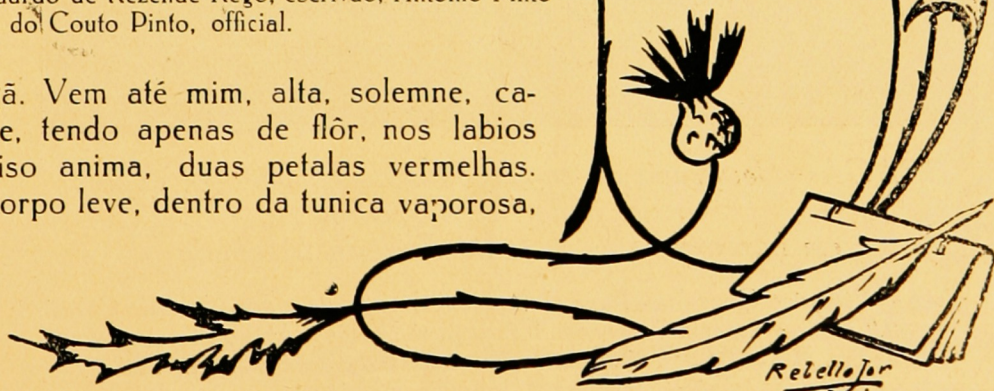
Relembrando a lenda, ólho enternecido a jarra de faiança velha,
que alegra a minha meza de trabalho, onde tres rosas vermelhas,
vivem os restos felizes da sua ephemera vida. Quero ver em cada
uma, a alma romantica d'uma moura gentil tradicionalmente loira,
lendariamente formosa, carpindo seu desentendido mal d'amor e as-
sim fico a olha-las, embevecido, attento, cançando a imaginação e a
vista que de cançada, me faz ver entre uma poalha leve de myste-
rio, uma das rosas estremecer, erguer-se, humanisar-se, dando cre-



SINFÃES—Empregados do Tribunal Judicial

- 1.º PLANO: *sentados*. Dr. Alfredo José da Cunha, notario; Dr. João Baptista Rodrigues, delegado; Dr. Antonio Augusto Pereira, Juiz de Direito; Dr. Antonio Cardoso Pinto de Vasconcellos, conservador do Registo Civil.
- 2.º PLANO: *de pé*. João Antonio Cardoso, solicitador; Alberto Monteiro da Fonseca, official; Guilherme Pereira Barbedo, escrivão e notario; Manuel Alves da Fonseca, contador. Dr. Antonio Cardoso Esteves, sub-delgado; Manuel Vieira Junior, official; Eduardo Reimão, escrivão; Antonio Dias do Amaral, official; Dr. Alberto Cardoso de Souza Araujo, juiz substituto; Eduardo de Rezende Rego, escrivão; Antonio Pinto da Costa, escrivão e notario e José do Couto Pinto, official.

dito assim á ingenua lenda pagã. Vem até mim, alta, solemne, cabellos d'ouro fôsko, subtil e leve, tendo apenas de flôr, nos labios onde a sensualidade d'um sorriso anima, duas petalas vermelhas. Olha-me enleuada, agitando o corpo leve, dentro da tunica vaporosa,



d'uma brancura pollar e poisa sobre o meu hombro, a sua mão patricia, viuva d'anneis, pequena, esguia...

«... E' o nosso mez! E' a primavera da nossa vida!... Cada anno o nosso encanto quebra e n'esses fugidios momentos vivemos o nosso sonho interrompido. Depois... a immobilidade do encanto volta a cingir-nos, some-nos, dissipa a nossa existencia irreal que a lembrar-nos, apenas fica, a voz melodiosa das fontes, n'essa litania suave do entardecer que é o nosso sentido e vivissimo pranto... E todos os annos assim, todos os seculos assim, eternas no nosso eterno captiveiro.

O que fui? Nem sei; quasi não lembro já. Vivia longe, n'um palacio magnifico voltado para o mar, e juvenil e ardente, repartia os meus cuidados entre as minhas flôres e as minhas pombas, que pelas tardes mansas, vinham ao pateo, beber na piscina de porphiro, onde eu banhava pelas manhãs claras, o meu corpo adolescente. Um velho adivinho, que meu pae trouxera captivo da ultima guerra, ensinara-me a linguagem das estrellas e pelas noites perguntava-lhe o meu destino e o meu destino quiz, que certa manhã prendessem ás portas da cidade, um moço christão, que até ao nosso palacio veio, para que meu pae administrasse justiça. Era novo como eu,



BRAGA—Capella do Divino Espirito Santo do Monte, na visinha freguezia de Nogueira, onde se realisa amanhã a costumada festividade religiosa

belo, sonhador e sobre a loba negra, trazia a cruz vermelha dos cruzados.

Foi condemnado á morte e levado para um escuro carcere, onde esperaria a execução fatal. Vi-o passar pelo pateo e não esqueço nunca o olhar mago que me deitou, que embora tenha sido a razão da minha desgraça foi tambem a unica illusão da minha vida. Até as pombas estremeceram inquietas e abriram as azas n'uma benção protectora. N'aquella noite, interoguei a minha estrella predilecta e ouvi-lhe dizer que o salvasse, que era aquelle o eleito, o desejado. Não hesitei. Cobri-me com um manto e fui até ao seu carcere escuro. Levei-lhe tamaras e mel, consolações e armas e facilitei-lhe a fuga. Não teve uma palavra... Tomou-me as mãos, olhou-me demoradamente, — o mesmo olhar mago, fatal—e n'um beijo fugidio, simples, agradecido, despediu-se. Desmaiei e nunca mais, nunca mais os meus olhos se abriram...

Fôra o encanto do beijo que me insufflára o encantamento, como castigo da minha traição.»

Vi-a estremecer, corri a ampara-la, mas nada encontrei... Dissipara-se a visão.

Na jarra de faiança velha as tres flôres vermelhas viviam contentes os restos felizes da sua ephemera vida, rindo-se talvez de mim...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.



BRAGA—Um grupo de empregados do commercio, depois de um jantar de despedida em honra do snr. Antonio Teixeira Machado

1.º plano:—Silvestre Gonçalves Pires, João Gonçalves Jorge e João Pereira Calheiros

2.º plano: Antonio Farnandes Cruz, José Martins, Abilio Ferreira Brandão. **Antonio Teixeira Machado**, José Forte de Faria, João Gonçalves e Homicilio Rodrigues

Outra Vida

Ay que larga es esta vida!

Solo esperar la salida
Me causa um dolor tan fiero,
Que muero porque no muero.

SANTA THEREZA.

Esta paixão que eu tenho, de tal sorte
Meu viver com seus dardos reaviva,
Que eu já farto de tê-lo peço a morte
A luz d'uma outra Vida em que se viva.

Vida que se assemelhe á que eu vi — quando
Sorria ao meu Amor que me sorria;
Que esta que tenho agora é dôr pairando
Sobre uma sepultura negra e fria...

E pois que em Ti reside, oh bom Jesus,
A Vida Eterna — enleva n'essa Luz
Quem n'esta morte horrenda vae morrendo...

... E enquanto não chegar — ah! — esse instante,
Perdoae-me, Senhor, que eu ria e cante,
No triste fingimento d'ir vivendo.

Paredes de Coura.

TEIXEIRA PINTO.

Se assim fosse...

Eu costurando e a cantar
Levo os dias n'esta lida.
Quem me dera assim passar,
Sempre alegre e estremecida.

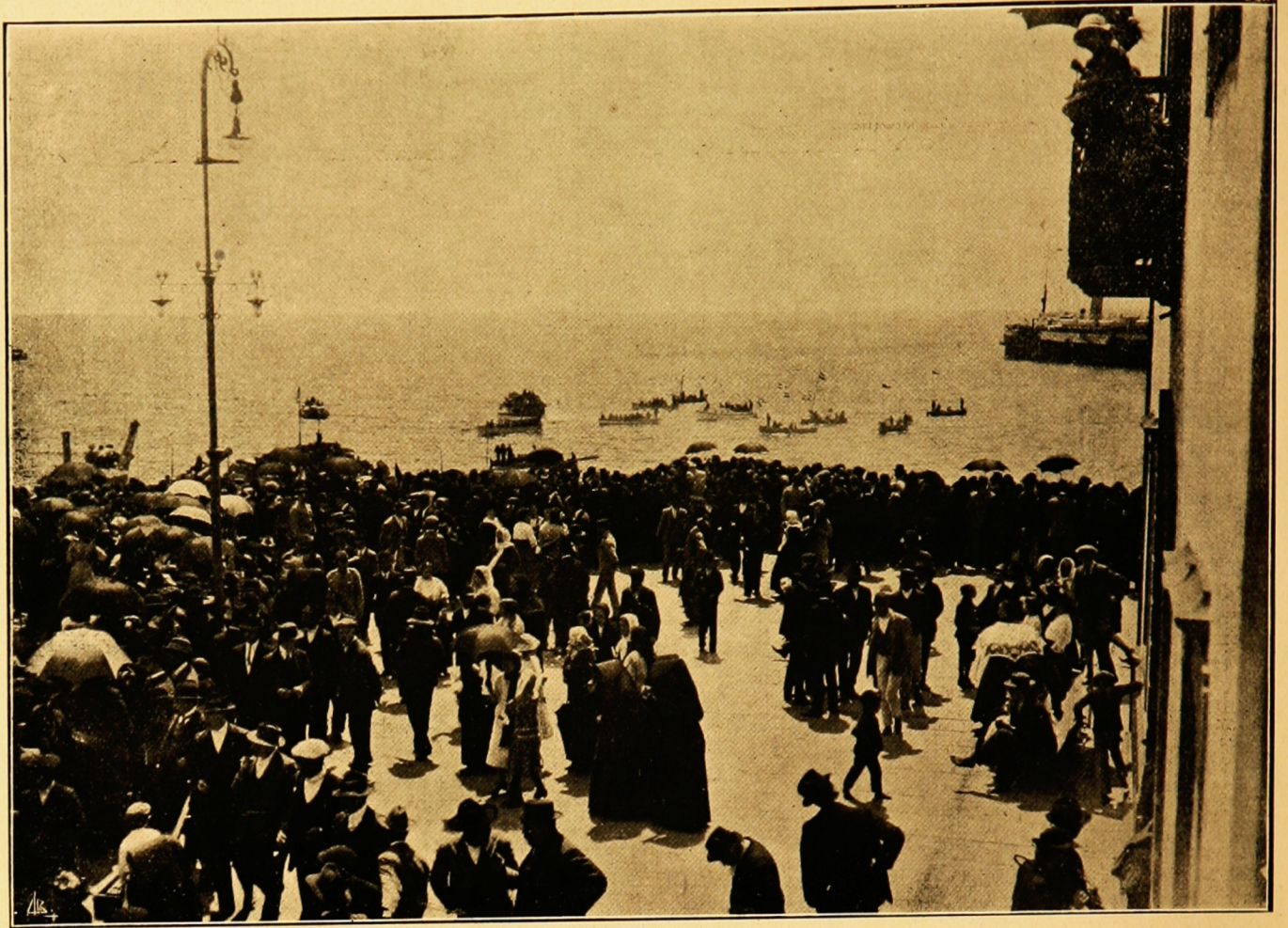
Ai, que a nuvem do pesar,
Sempre tão ennegrecida,
Nunca tolde o meu olhar
Nem ensombre a minha vida.

Qual nuvem que, breve, passa,
Assim passe, na minha alma,
Toda a sombra da desgraça.

Se assim fosse... — que ventura! —
Mas vida feliz e calma
E' dita que pouco dura...

FRANCISCO SEQUEIRA.

Angra do Heroísmo—A entrada do novo Prelado



Vista da bahia e Pateo da Alfandega. O povo esperando a chegada do seu Bispo o Senhor D. Manuel Damasceno da Costa

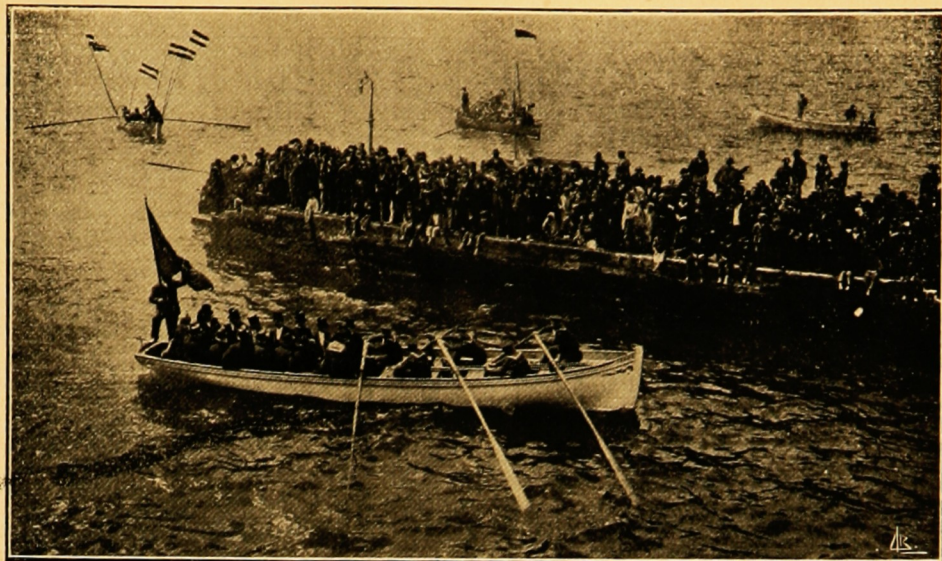


Aspecto do caes antes do desembarque de S. Ex.^a Rev.^{ma}

M

MAIS uma vez a altiva princeza dos Açores honrou o seu timbre de — mui nobre, leal e sempre constante cidade de Angra — recebendo festiva e jubilosamente o seu novo Bispo, o Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor D. Manuel Damasceno da Costa, cuja virtude e illustração são penhor seguro da efficacia do seu munus pastoral no meio d'esta vasta diocese de Angra.

Luctaria com invencivel difficuldade a minha penna se quizesse apresentar um es-



ANGRA DO HEROISMO — O escaler que conduzia S. Exc.^a Rev.^{ma} para terra



Subindo a escada ao caes

boço, ainda que palido, do que foi essa manifestação estrondosa, de que no dia 26 do corrente, S. Exc.^a Rev.^{ma} foi alvo, ao dar os primeiros passos na capital da sua diocese, e apraz-me pedir á mui lida e bem redigida — *Illustração Catholica* — que archive em suas paginas estas duas palavras que irão dizer aos nossos irmãos continentaes quanto os povos d'estas formosas ilhas amam a Egreja, quanto estremecem os seus pastores, como protestam contra todas as perseguições odiosas que visam os basilares principios da fé que nos legaram nossos avós, e como sabem exteriorisar franca, nobremente a sua crença.

Eis o alto significado de



Recebendo os cumprimentos dos cavalheiros que aguardavam a chegada de S. Exc.^a Rev.^{ma}



ANGRA DO HEROISMO—O Senhor D. Manuel Damasceno, fazendo a travessia do caes para a Misericordia, no meio das aclamações do povo

precedido o Senhor D. Manuel Damasceno, mas ainda, e mais que tudo, uma eloquente afirmação de principios catholicos, em face da qual S. Ex.^a Rev.^{ma}, que vimos commovido até ás lagrimas, deve ter recebido a convicção de que está no meio d'um povo como o não ha melhor, talvez, em todo o Portugal.

Para dar uma ideia do que foi a recepção solemne do Senhor D. Manuel Damasceno em

Angra, o diario catholico que se publica n'esta cidade, *A Verdade*, com bem justificada ufania dava a ler aos seus numerosos leitores estas palavras;

«E' certo que essa recepção magestosa foi além de toda a expectativa, não havendo memoria na Ilha Terceira de manifestação tão grandiosa e espontanea, a não ser a que teve lugar em 1901, em honra das Magestades, na sua visita a esta ilha. Mesmo assim dizem pessoas auctorisadas, testemunhas presencias de uma e outra, que se agglomerou mais povo nas ruas de Angra para receber e saudar o Senhor D. Manuel Damasceno da Costa, do que por occasião da chegada d'aquelles regios visitantes.

Foi deslumbrantissima esta recepção!

Quantos a ella assistiram são unanimes em affirmar que não mais verão outra igual.»

E n'outro lugar:

«Tudo o que Angra tem de mais distincto tomou parte n'essa festa que, por certo, deixou no espirito de todos os terceirenses uma recordação perduravel, como no espirito do illustre Prelado devia ter



Outro aspecto da travessia do caes para a Misericordia

ficado a convicção profunda de que esta terra muito lhe quer.»

Disse, e bem, *A Verdade*. Tudo que n'esta fidalga cidade ha de mais distincto tomou parte na recepção do Ex.^{mo} Prelado. Basta apontar o nome illustre de quem serviu de caudatario e que foi o ex.^{mo} snr. Theolonio Paim de Ornellas Bruges, representante do primeiro capitão donatario d'esta ilha Jacome de Bruges, e os dos ex.^{mos} cavalheiros que pegaram ás varas do palio e que foram Conde de Rego Botelho, Visconde d'Agualva, dr. Diogo de Barcellos Machado Bettencourt, José Julio da Rocha Abreu, Vital de Lemos Bettencourt, dr. Candido de Menezes Pacheco de Mello Forjaz de Lacerda, dr. Manuel Antonio Ferreira Deusdado e commendador José Luiz de Sequeira.

*

Bemditas provações as que Deus permittiu viessem experimentar a nossa fê. Ellas são, em verdade, o cadinho onde se retemperam rijamente os caracteres; são o brado atroador que accorda para a lucta os adormecidos; são a confusão e desespero dos demolidores demagogicos e o caminho por onde sempre a Igreja



ANGRA DO HEROISMO—O Senhor Bispo d'Angra, sahindo da igreja da Misericordia, e abençoando o povo

subiu ao Capitolio de seus magnificos triumphos.

Angra, 30—4 915.

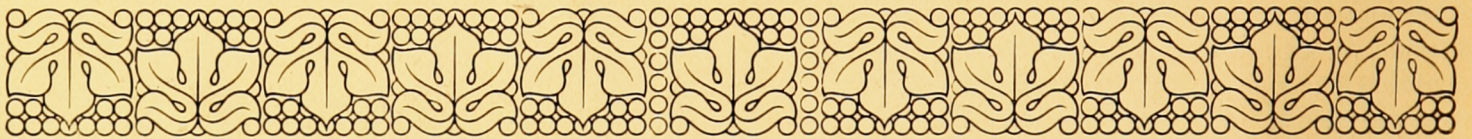
X.



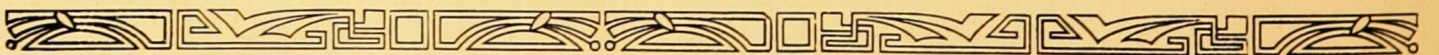
Aspecto da procissão em frente da igreja da Misericordia



ANGRA DO HEROISMO—A procissão na rua da Sé



Outro aspecto da procissão na rua da Sé



Aspectos da lucta

EMBORA estivesse em La Panne n'uma missão toda de paz, pude contudo presenciar varios aspectos d'esta lucta tremenda que assola a Europa.

As esquadras ingleza e franceza avistavam-se da praia. Os couraçados, rodeados de destroyers e caça-torpedeiros, os hydroplanos, os monitores (barcos modernissimos que navegam com muito pouco fundo) de quando em quando atacavam do mar as posições occupadas pelo inimigo.

Era imponente esse canhoneio. O relampegar das bocas de fogo, os peloiros sibilando na sua trajetoria, os hydroplanos levando as ordens d'um barco a outro, as pequenas canhoneiras rondando o mar em busca de submarinos, e os vulcões de agua que as granadas allemãs formavam ao rebentarem no mar, davam-nos, mesmo de longe, uma ideia clara do mortifero combate.

Dezenas de aeroplanos das nações alliadas passavam diariamente pela aldeia; as *taubes* eram mais raras. E quando alguma d'estas era perseguida pelo aeroplano, vê-los ambos descrevendo espiraes com que se alteavam para se sobreporem, vê-los quaes aves enormes de rapina, fuggindo um do outro, causava nos espectadores uma angustia indizivel, augmentada mui-

tas vezes pelo som monotono da metralhadora que procurava auxiliar o aerostato na destruição da machina inimiga.

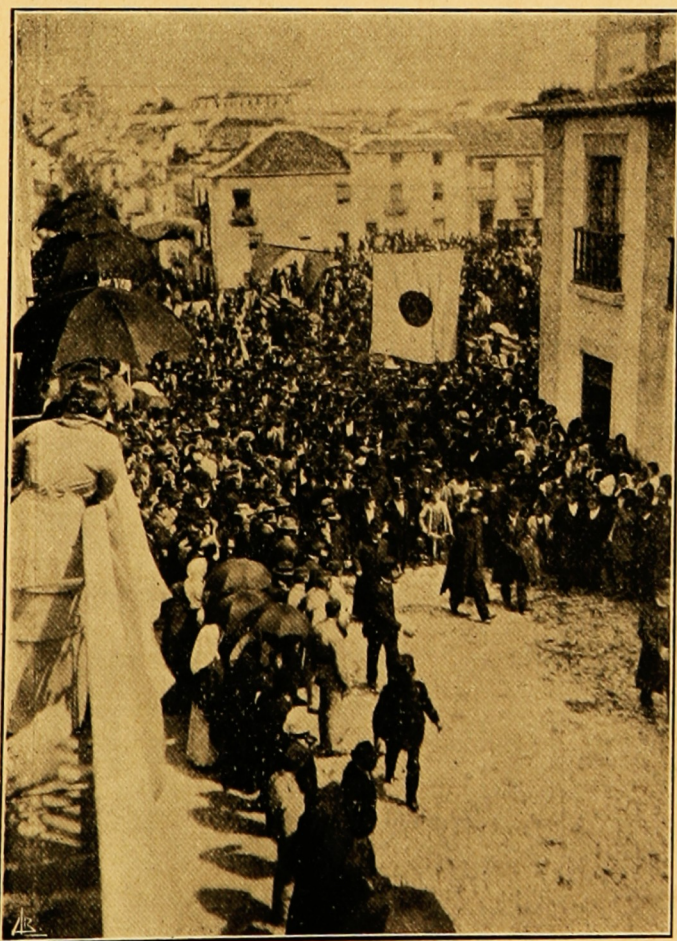
Emquanto lá estive, os aviões inimigos não deitaram bombas sobre a aldeia; depois, constou-me que as houve, ferindo e matando varias pessoas, entre as quaes um sacerdote no momento em que ia celebrar a Santa Missa.

V. A. C.

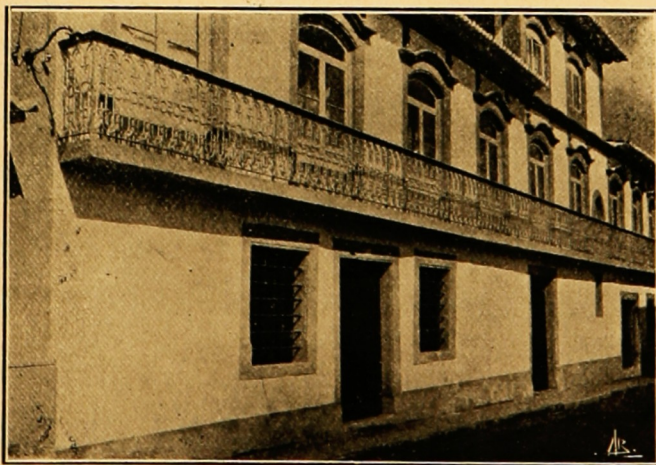
(Continua)



ANGRA DO HEROISMO — O povo, em frente á casa do snr. commendador José Luiz de Sequeira, assistindo á passagem do Senhor Bispo



Acompanhando o Ex.^{mo} Prelado da Sé para o Paço Episcopal



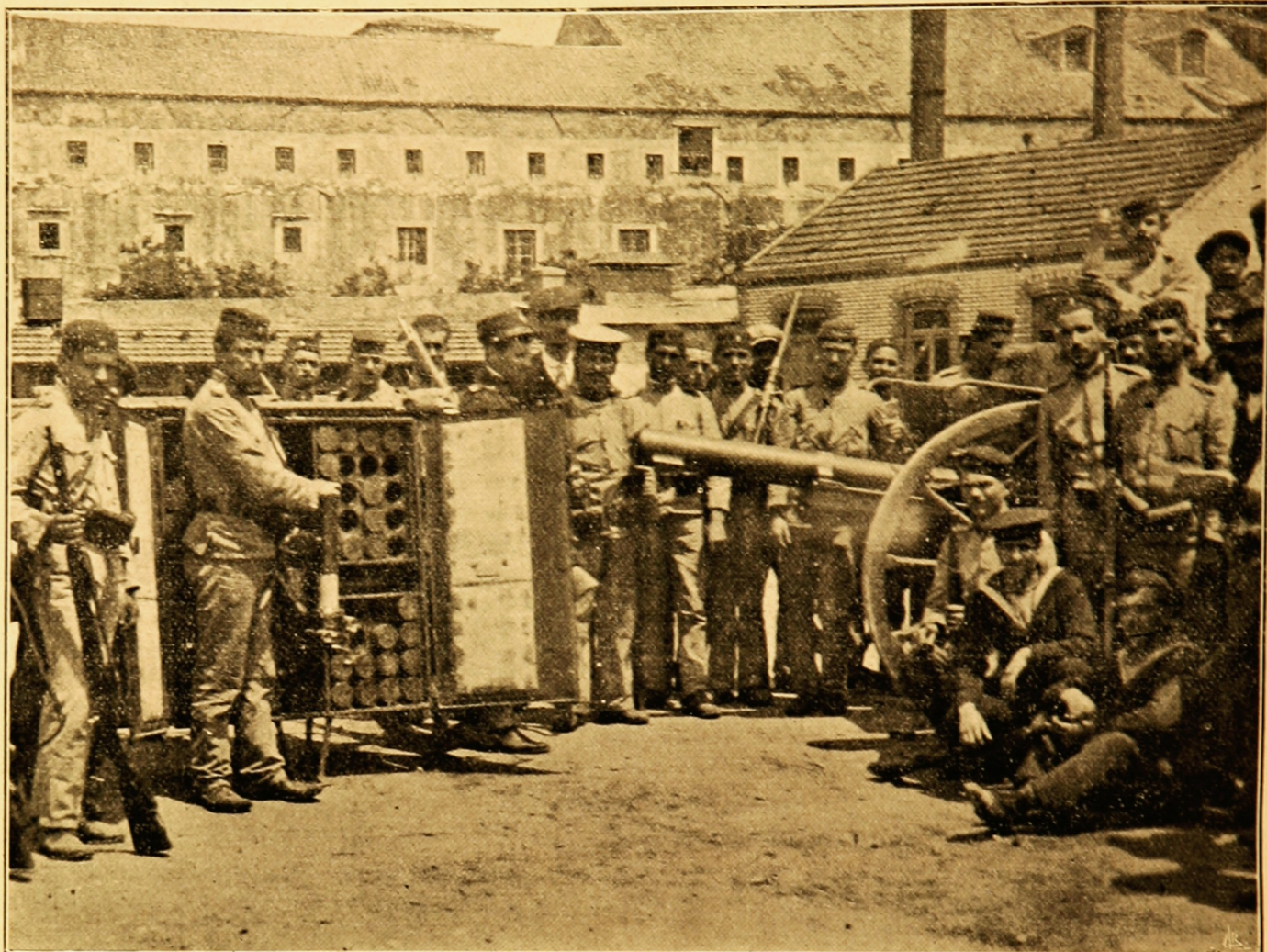
O novo Paço Episcopal d'Angra do Heroismo

(Clchês do dist. phot. am. snr. Antonio J. Leite)

A Revolução de 14 de Maio

Para derrubar o governo presidido pelo sr. Pimenta de Castro, organizou-se em Lisboa, com elementos, especialmente democrati-

cos, uma Junta Revolucionaria. N'esse intuito a Junta fez estalar, na madrugada do dia 14 de Maio corrente, uma Revolução iniciada pela re-



LISBOA — Defendendo uma das portas do Quartel de Marinheiros



Officiaes e soldados da Escola de Equitação, aclamados pelo povo

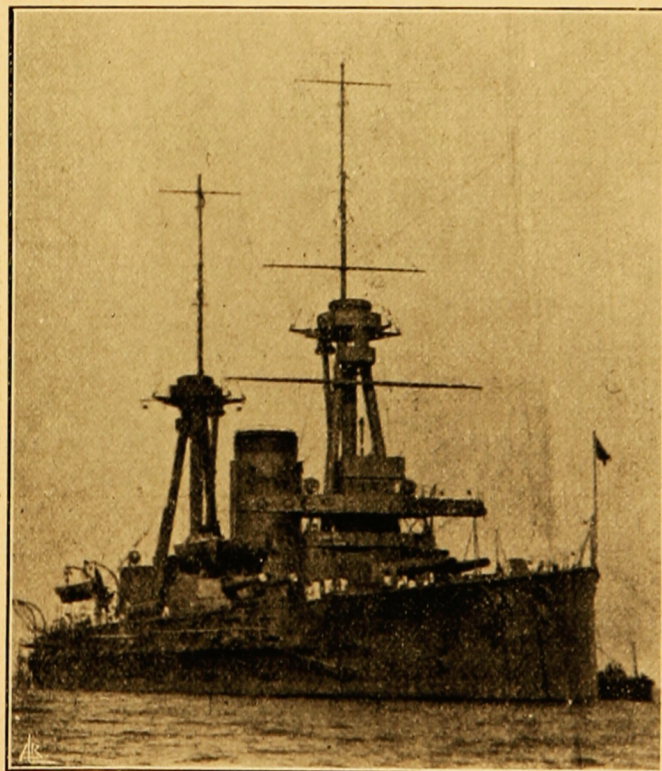


LISBOA—O snr. Xavier de Brito, ex-ministro da marinha, preso por civis

volta das guarnições dos vasos de guerra portuguez e rapidamente estendida às tropas de terra também.

A lucta sangrenta e fraticida durou algumas horas, e depois de concluido o armistício pelas tropas regulares, ainda se commetteram excessos que sempre acompanham as revoluções. Todavia já na tarde do mesmo dia o snr. dr. Manuel d'Arriaga demittia, deante da Revolução que triumphava, o gabinete do snr. Pimenta de Castro, e nomeava pouco depois outro ministerio presidido pelo snr. João Chagas.

Este homem publico, porém, foi alvo de um attentado no Entroncamento, quando se dirigia a tomar conta do seu cargo. O auctor d'esse tresloucado acto, que disparou cinco tiros de pistola contra o presidente do conselho, foi o senador João de Freitas, bem conhecido pelos seus ataques parlamentares. Preso e entregue á guarda republicana foi pouco depois prostrado por um tiro que o matou instantaneamente e que, diz-se, disparou um desconhecido.



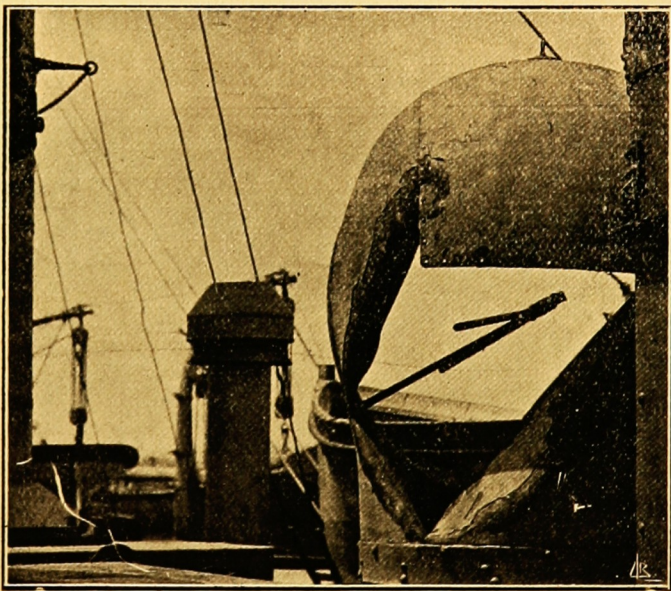
O cruzador couraçado hespanhol "España,, que veio ao Tejo por occasião da revolta



LISBOA — Estado em que ficou uma das columnas do Terreiro do Paço com uma granada do «Vasco da Gama»

Não se limitou, porém, a isso a Revolução de Maio.

Além da luca entre marinheiros e tropas do exercito, auxiliados os dois bandos por populares ou revolucionarios civis, luca que da capital se estendeu a varios postos visinhos da

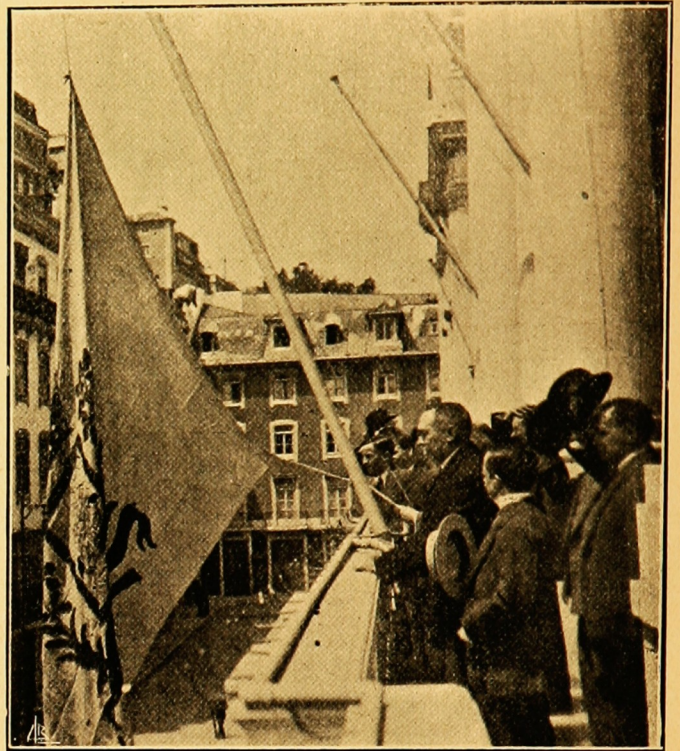


O ventilador do navio «Almirante Reis» furado por uma granada

capital, houve em Santarem combate entre artilharia e infantaria, esta affecta a Pimenta de Castro, e aquella levantando o estandarte da revolta. O general Jayme de Castro com as tropas da sua divisão começou a marcha sobre

Lisboa, que esteve algum tempo incommunicada do resto do paiz.

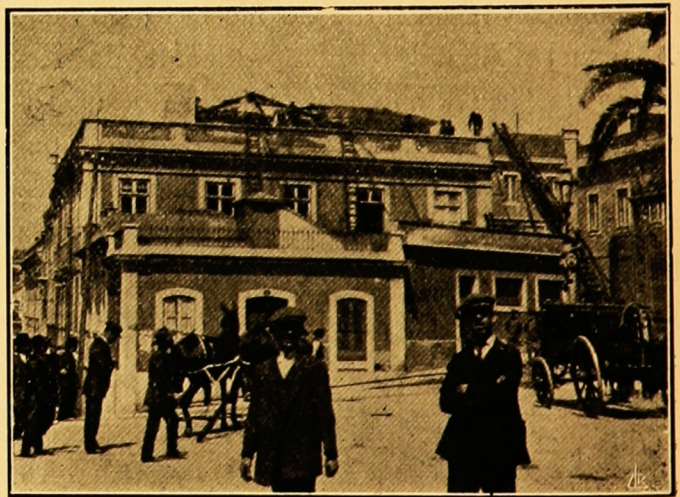
No Porto tiveram larga e ensanguentada repercussão os acontecimentos. Tendo alli a auctoridade prohibido projectadas manifestações contra a dictadura do snr. Pimenta de



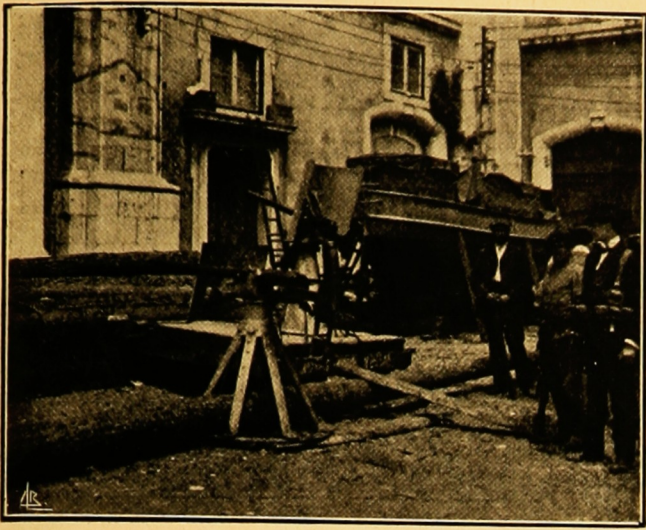
Içando a bandeira no edificio da Camara Municipal

Castro, esboçaram-se os primeiros conflictos entre as forças policiaes e populares armados que durante alguns dias se succederam.

Ainda em outras terras se deram identicos conflictos durante, ou após, a revolução, mas todavia de menor importancia. Taes são os traços principaes da revolução porque acabamos de passar, e que a *Illustração Catholica* regista na sua photogravura desejando em Portugal ordem e paz, sem necessidade da intervenção



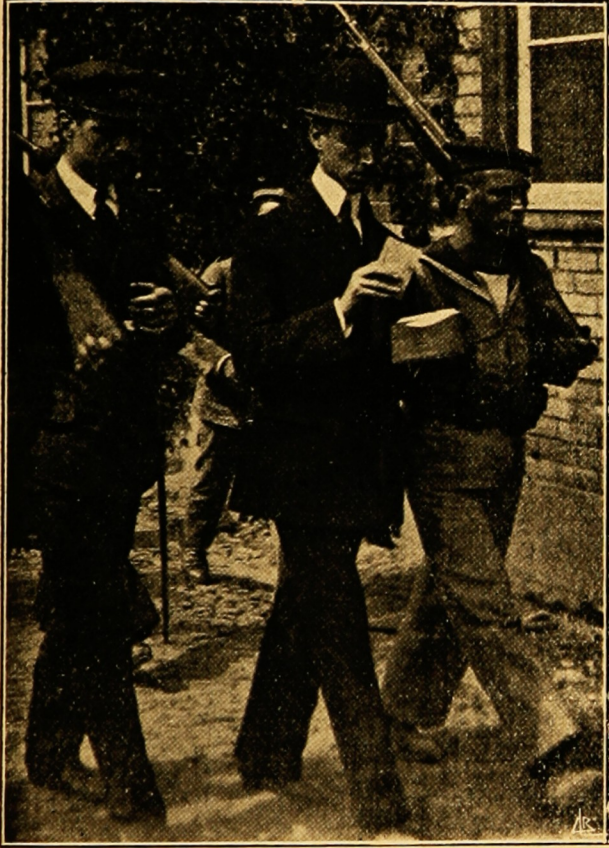
Predios do Alto de Santa Catharina que foram attingidos por granadas



LISBOA— Defeza da porta do Arsenal



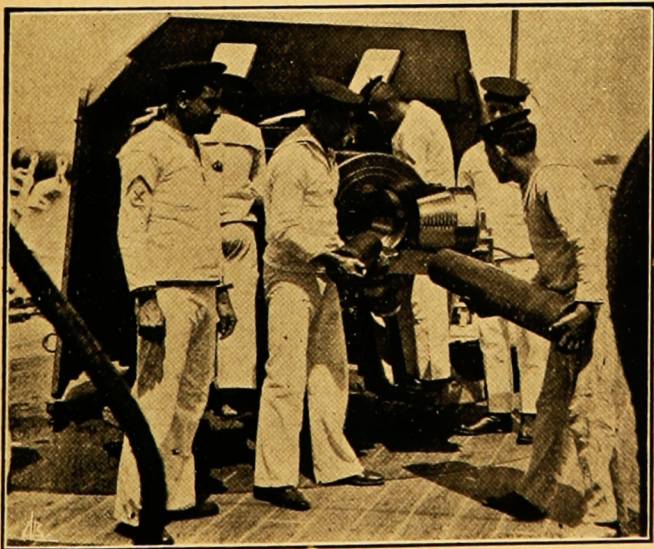
Conduzindo um guarda republicano ferido para o posto da Cruz Vermelha



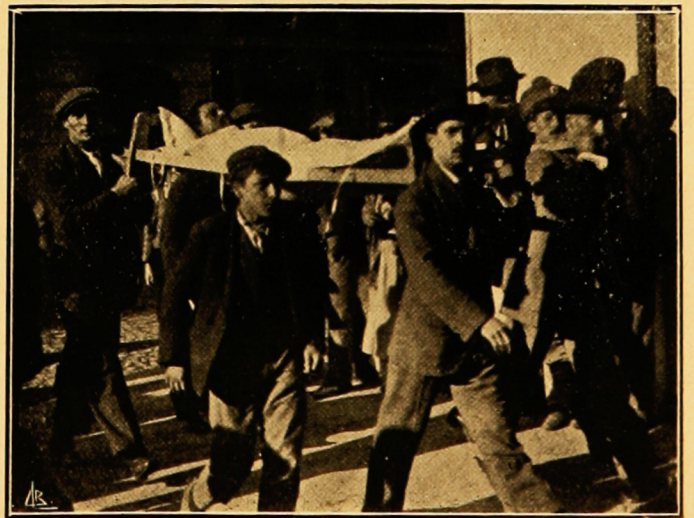
O snr. Lusignan, capitão de cavallaria, preso



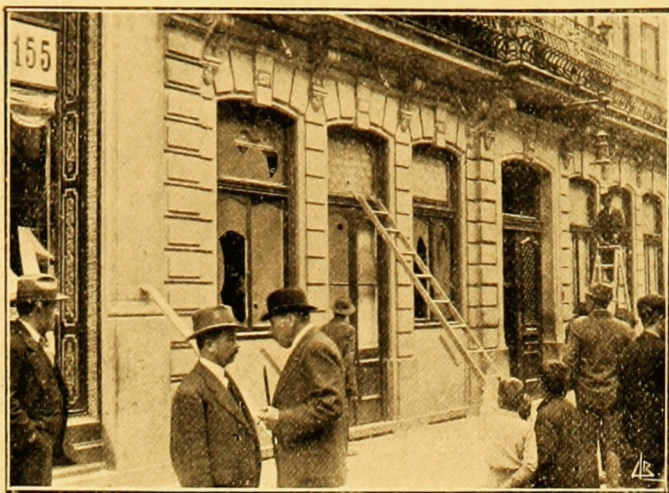
A porta do Arsenal, depois do bombardeamento de artilharia 1, guardada pelo ex sargento Carvalho



Uma das peças do navio "Almirante Reis," que bombardeou Lisboa



Condução de um ferido para o hospital
(Clichés do nosso corresp. phot. de Lisboa)



PORTO — Ultimos acontecimentos
 O Grande Hotel do Porto depois do apedrejamento feito por alguns populares



O Grande Hotel da Batalha.
 Populares vendo os estragos causados pelas balas



Estado em que ficou o estabelecimento do snr. Monteiro, á rua do Loureiro, depois do assalto

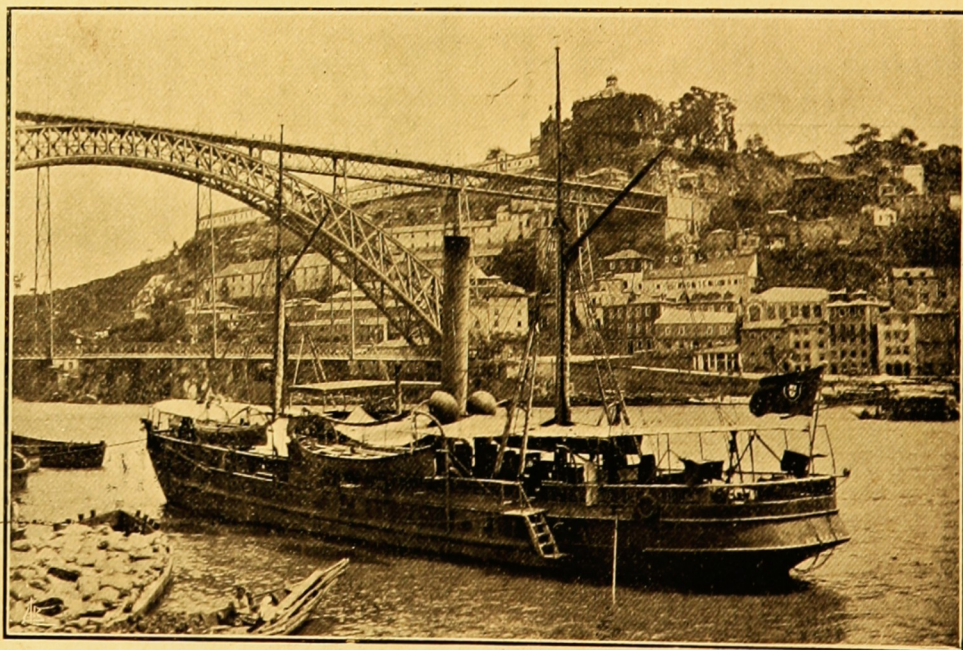


A cavallaria na Praça da Batalha
 (Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

extrangeira, proposito para nós deprimente que a imprensa attribuiu á visita, ao Tejo, de uma divisão naval hespanhola que trazia por chefe o *España*.

O *Cæser*, inglez e o *Du Petit Thomars*,

tambem visitaram o porto de Lisboa, pouco depois, mas, propozeram-se, com seus cumprimentos, adoçar o travo da visita d'aquelles que diziam vir proteger os subditos hespanhoes.



A canhoneira *Limpopo* fundeada no rio Douro junto á ribeira
 (Cliché de Rebello Junior)

